

# BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1338 - 28/03/2016 a 04/04/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

SEGURANÇA

## PORTEIRA FRÁGIL

Frutas

Boas notícias para o citricultor

Feijão

Pesquisa avalia variedades



CADASTRO AMBIENTAL RURAL

FALTAM

39

DIAS PARA O TÉRMINO DO PRAZO

[www.sistemafaep.org.br](http://www.sistemafaep.org.br)

Ficamos tão incomodados com a crise econômica, a crise política e a crise ética que vivemos no Brasil atual que quase esquecemos que o país tem outros problemas, que não são de fácil resolução. Um deles é o caos na segurança pública – que é, também, mais um indício de que a sociedade brasileira está esfacelada.

Em casa ou no campo, nas cidades pequenas ou nas capitais, ninguém está seguro. A gente faz o que pode para garantir um mínimo de tranquilidade, mas nem sempre é suficiente. E os mais velhos lembram do tempo em que as portas ficavam abertas como sinal de hospitalidade, e os cachorros eram companheiros, não guardas.

O leitor também vai encontrar textos mais ligados à política, como o artigo sobre o pedágio e a descrição dos argumentos usados pelos procuradores federais na defesa do projeto de lei que prevê novas medidas contra a corrupção. Além, é claro, de um amplo panorama de temas que interessam mais diretamente à produção agropecuária. Informação completa para toda a família, portanto.

## Boa leitura!

# Índice

Frutas / Embalagens	03
Frutas / Citricultura	04
SENAR-PR	07
Seguro Rural	08
Crise	10
Empreendedorismo	12
Segurança	14
Feijão	18
Bem-Estar	20
Artigo - Pedágio	22
Silvicultura	23
Sanidade	24
Notas	26
Plante seu Futuro	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

## Expediente

**FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná**  
**Presidente:** Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

**SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR**  
**Conselho Administrativo | Presidente:** Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

**Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

**Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social:** Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei | **Ilustração:** Icaro Freitas

*Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.*

**Fotos da edição 1338:**  
Fernando Santos, Milton Dória, Walter Pereira - Tribuna do Interior, Divulgação e Arquivo FAEP

# Sem machucar

Indústria avança na produção de embalagens que “vestem” frutas e hortaliças



Embalagens sob medida

Feitas de poliuretano e fibras vegetais, embalagens para frutas que acompanham o formato de seu conteúdo são capazes de evitar lesões de transporte e a consequente perda do produto. Desenvolvidas em parceria de pesquisa entre diferentes instituições, as novas embalagens deverão estar disponíveis no mercado até o fim deste ano.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO/ONU), cerca de um terço da produção de alimentos no mundo é perdido na distribuição ou desperdiçado no consumo. Mais da metade dessas perdas e desperdícios ocorrem na manipulação, armazenamento e comercialização. O desenvolvimento de embalagens anatômicas para frutas foi uma das estratégias estudadas por uma equipe de 30 pesquisadores da Embrapa Agroindústria de Alimentos (RJ), do Instituto Nacional de Tecnologia (INT) e Instituto de Macromoléculas (IMA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para reduzir esses dados. As novas embalagens geram menor impacto mecânico, manutenção da qualidade sensorial e aumento da vida útil das frutas. A tecnologia genuinamente brasileira já rendeu 39 patentes obtidas no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) e recebeu o prêmio Food Packing Design (2013) na Alemanha.

As embalagens foram projetadas para atender inicialmente algumas frutas. “Escolhemos produtos com significativo volume

de venda nacional e internacional como manga e mamão, e também aqueles com importância econômica para o Rio de Janeiro, como caqui e morango”, informou Antonio Gomes, pesquisador da Embrapa e um dos líderes do projeto. Essas frutas de diferentes formatos e tamanhos passaram por escaneamento 3D (tridimensional) no Instituto Nacional de Tecnologia. A partir desse trabalho, foram desenhados e elaborados modelos físicos em poliuretano expandido adicionado de fibras vegetais, considerando os formatos e os vários tamanhos dos frutos, de modo a facilitar o transporte, manuseio e exposição.

“Os modelos de embalagens permitem que esses frutos possam ser mais bem acomodados em bandejas, cujas cavidades foram especialmente desenhadas. Além disso, o design desse sistema de embalagens permite que ocorra maior ventilação dos frutos, promovendo a troca de gases com o ambiente, retardando seu amadurecimento e aumentando sua vida útil”, informa Gil Brito, da Divisão de Desenho Industrial do INT. As embalagens de manga e mamão, que são anatômicas, possuem duas partes: uma termoformada e outra termoinjetada articulada, que pode ser fechada para ocupar menos espaço durante o transporte de retorno para o produtor. O desenho das embalagens levou em consideração o padrão internacional de pallets para transporte de cargas nacional e internacional. Termoformada é uma peça moldada por ação do calor, a termoinjetada é confeccionada por injeção de resina líquida em alta temperatura em um molde.

Atualmente as caixas de madeira utilizadas nos Centros de Distribuição de Alimentos (Ceasa) e nas feiras livres são as embalagens mais comuns, juntamente com as caixas de plástico retornáveis dos supermercados. “O problema é que as caixas utilizadas são as mesmas, independentemente do formato e tamanho do fruto, ocasionando grandes perdas e prejuízos econômicos para toda a cadeia produtiva, especialmente para o consumidor, que paga a mais pelo produto”, alerta Antonio Gomes, pesquisador da Embrapa.

# Mercado em alta

## Queda na produção americana fortalece posição brasileira

Por Hemely Cardoso



Atenção, citricultores: o clima pode trazer boas notícias neste ano. Ao menos para os produtores brasileiros, porque o governo da Flórida anunciou que o mau tempo e o greening reduziram a produção local para um patamar abaixo da última safra. Por aqui, as projeções apontam para aumento de 14,7% no preço interno da laranja e de 5% para a cotação do suco no mercado internacional.

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a safra 2015/2016, que começou em outubro do ano passado, deve ser de apenas 69 milhões de caixas (de 40,8 quilos cada), 29% menor que a anterior, metade do produzido há cinco anos e ainda o menor volume dos últimos 52 anos.

No Paraná, a colheita só começa em julho e, segundo dados do Departamento de Economia Rural (Deral, da Secretaria da Agricultura

e Abastecimento (Seab), o valor médio recebido pelo produtor pela laranja de mesa em fevereiro fechou em R\$ em 17,75 a caixa de 20 quilos. No mesmo período do ano passado, caixa era cotada a R\$ 13,00.

Segundo o gerente técnico Leandro Cezar Teixeira, da Cooperativa Cocamar, sediada em Maringá, o mercado da laranja segue firme e o cenário da Flórida pode beneficiar os produtores brasileiros. Hoje, a cooperativa concentra 350 citricultores com uma produção de 5,5 milhões de caixas da fruta. No início de março, os contratos estavam sendo fechados e os produtores venderam a caixa da fruta de 40,8 quilos destinada à fabricação de suco por R\$ 14. No mesmo período do ano passado, os citricultores estavam recebendo R\$ 11 pela mesma caixa. “O baixo estoque mundial de suco de laranja, além da queda da oferta do produto para a indústria, em

São Paulo [maior produtor do mundo], melhorou os patamares no Paraná”, observa Leandro.



Leandro Cezar Teixeira, gerente técnico da Cocamar

## Na prática

Há 10 anos, o produtor Humberto Palma produz laranja numa área de 600 hectares em Atalaia, região Norte do Paraná. Pelos 250 mil pés de laranja, a produtividade é de 100 mil quilos da fruta por hectare. Segundo Humberto, o investimento nos pomares

ocorreu como forma de diversificar as atividades na propriedade, entre o plantio de soja e milho, além da criação de gado.

Nas primeiras safras de laranja, a fruta era vendida para a fabricação de suco. Após quatro anos, Humberto migrou para o mercado de fruta in natura. “O preço pago pela indústria não compensava e mudamos o foco da produção para laranja de mesa. Investimos em barracão e numa máquina para fazer o beneficiamento da fruta, o que melhorou o nosso faturamento”, conta.

Hoje, ele está vendendo a caixa de 40,8 quilos por R\$ 20 a empresas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. “Para as safras futuras já temos contratos com preços melhores devido à valorização do dólar, ao baixo estoque mundial, assim como por causa das pequenas safras”, afirma.

Quando se trata do manejo dos pomares, Humberto reclama do controle do greening (Huanglongbing/HLB), o maior inimigo da citricultura. “O controle exige pulverizações quinzenais, inspeções e a eliminação das plantas doentes”, explica.

Outra dificuldade ocorre na hora da colheita. “Como é manual, precisamos de ônibus, motorista, ter uma estrutura de refeitórios e banheiros móveis na propriedade”, revela, acrescentando que tem 80 funcionários registrados. No que se refere à produtividade, Humberto comenta que a produção média é de três caixas (40,8 quilos) por pé de laranja.

Na sua avaliação, o produtor que permanecer na atividade deve se organizar e se manter capitalizado para investir em tecnologia de prevenção e combate a pragas e doenças.

Para o gerente da Cocamar, o citricultor deve sempre buscar capacitação e aumento de produtividade, além de renovar os pomares. “O ideal é que os pomares não estejam acima de 20 anos”, observa.





## Pomares do Paraná

As regiões Noroeste e Norte concentram os maiores pomares no Paraná. Na última década, segundo dados do Deral, tecnologia e investimentos fizeram a produção quase triplicar, passando de 335 mil toneladas, em 2004, para 958 mil toneladas em 2014.

A laranja produzida é transformada em suco, com foco na exportação para países da União Europeia e do Oriente Médio, para os Estados Unidos, Austrália e Canadá. A atividade emprega mais de 3 mil pessoas no campo. Na indústria são 600 empregos diretos e indiretos. “Hoje a citricultura está consolidada no Paraná e é a principal atividade da fruticultura do Estado”, diz Paulo Andrade, engenheiro-agrônomo Deral.

Os pomares são explorados por mais de 600 citricultores, abrangendo cerca de 100 municípios e possuem áreas médias entre 19 e 35 hectares. Somente no campo, a atividade gera 3 mil empregos diretos no Paraná. No ano passado, o Valor Bruto da Produção (VBP) foi de R\$ 263 milhões. A laranja é a principal atividade na fruticultura no Paraná o Estado é campeão em produtividade nesta cultura.

Quarto produtor nacional de laranjas (5,7% do Brasil), o Paraná possui três indústrias de suco: Louis Dreyfus, que assumiu as operações na área das cooperativas Cocamar e Corol; a Citri Agroindustrial S/A, uma empresa privada de citricultores, e a Cooperativa Integrada. Em 2014, a produção de laranjas do Paraná rendeu 18 milhões de caixas de 40,8kg, transformados em 50 mil toneladas de suco.

## Greening, o grande gargalo

O greening continua sendo a maior ameaça à citricultura paranaense. Segundo o coordenador de Sanidade da Citricultura da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), José Croce Filho, os pomares encolheram nos últimos dois anos, de 12 milhões de laranjeiras para 10 milhões. Hoje, a área destinada à cultura concentra 26,6 mil hectares contra 28,1 mil hectares em 2012. “A quantidade de produtores e a área plantada está caindo porque as lavouras da região vêm tendo problemas com o greening, doença de origem asiática que ataca as plantas e provoca a redução, deformação e queda dos frutos. A doença obrigou vários produtores da região a erradicar parte de seus pomares”, observa.

Desde 2000, ano em que o primeiro caso da doença foi registrado, 25% das plantas foram eliminadas. De acordo com ele, a doença se propagou no Estado e já foi registrada em mais de 100 municípios. “O citricultor tem que continuar atento as determinações da Instrução Normativa 53/08 do Ministério da Agricultura, que estabelece no mínimo quatro inspeções anuais nos pomares com a eliminação de plantas sintomáticas e controle do inseto ve-

tor, o psilídeo”, explica.

Segundo a engenheira-agrônoma Elisangeles de Souza, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, o produtor deve ficar de olho no monitoramento dos pomares. “Realizar o controle do psilídeo, o plantio e replantio assim como a instalação de novos pomares com mudas cítricas sadias, estão entre as ações fundamentais para o controle da doença”, comenta.



# Nível internacional

## Curso de boas práticas terá equivalência com o Global GAP



Diretor de marketing da Global GAP, Flavio Alzueta, visita o SENAR-PR

O conteúdo utilizado no curso Trabalhadores agrícolas na olericultura - implantação de boas práticas agrícolas - alimento seguro e de qualidade, do SENAR-PR foi entregue ao representante da Global G.A.P. (sigla em inglês para boas práticas agrícolas) para equivalência com o conteúdo das normas e padrões utilizados pela empresa. Esta foi mais uma ação da parceria com a Global GAP, que credenciou o SENAR-PR como a única instituição de formação rural no Brasil que vai referenciar a certificação de empresas, profissionais e produtores rurais.

Esteve presente o vice-presidente e diretor de Marketing e De-

senvolvimento da Global GAP, Flavio Alzueta. “A certificação da produção dentro dos nossos padrões agrega valor no processo de comercialização dos produtores rurais. Hoje as margens de lucro nesses processos são muito pequenas e contribuir com a valorização do processo de produção facilita o ingresso em novos mercados consumidores”, comenta.

Ainda no primeiro semestre de 2016, o SENAR-PR e a empresa europeia irão organizar mais dois workshops para treinamento de técnicos - um na área de vegetais e outro no segmento de carnes. O primeiro curso aconteceu em 2015 e atendeu 20 técnicos entre eles quatro instrutores do SENAR-PR.

“Precisamos capacitar o produtor rural para que ele tenha condições de administrar sua propriedade com o maior grau de eficiência, produzir em escala, ao mesmo tempo em que utiliza os recursos tecnol

ógicos com maior eficácia”, diz o superintendente do SENAR-PR, Humberto Malucelli Neto.

A Global GAP é uma empresa europeia sem fins lucrativos, criada em 1997, líder mundial em certificação e garantia de produção sustentável e segura. A empresa atende as exigências dos consumidores em relação à forma como os alimentos são produzidos garantindo comercialização aos agricultores certificados, que adotam boas práticas agrícolas. Atualmente os protocolos de certificação GLOBAL G.A.P. estão presentes em mais de 123 países.

## Como é

O produtor rural que quiser fazer o curso de Trabalhador agrícola na olericultura - implantação de boas práticas agrícolas - alimento seguro e de qualidade - deve procurar o sindicato rural da sua cidade. Conheça o conteúdo do curso:

- Perigos na produção de hortifrutícolas;
- Perigos biológicos;
- Perigos químicos;
- Perigos físicos;
- Boas práticas agrícolas na produção de frutas e hortaliças;
- Rastreabilidade;
- Uso do caderno de campo;
- Local de produção de hortaliças e frutas;
- Sementes e mudas;
- Manejo do solo;
- Qualidade da água de irrigação;
- Boas práticas no controle de pragas, doenças e plantas espontâneas;
- Seleção de fornecedores de insumos e produção de hortifrutícolas;
- Manutenção de equipamentos;
- Modelos de registros;
- Cuidados na colheita e transporte de hortifrutícolas;
- Lixo e esgoto;
- Controle de pragas, vetores e outros animais.

# Novas regras para a soja

Ministério destinará R\$ 32 milhões para operações coletivas com a oleaginosa



O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) estabeleceu novas regras de contratação coletiva do seguro rural para a soja. Essas mudanças atendem propostas formuladas pela FAEP e entidades do setor produtivo. A resolução nº 48 do Comitê Interministerial do Seguro Rural (CGSR), que regulamenta os procedimentos a serem adotados pelo MAPA, foi publicada no Diário Oficial da União de 21 de fevereiro.

A contratação coletiva é uma modalidade em que os agricultores podem negociar as taxas de prêmio e as condições das apólices através de entidades representativas de sua escolha. Estas entidades devem organizar os produtores em listas a serem cadastradas no MAPA. As primeiras regras desse tipo de contratação de seguro rural foram editadas em agosto do ano passado.

Nessa segunda edição (2016), o governo federal aumentou

o valor destinado para as operações coletivas, que contarão com R\$ 32 milhões – na edição passada, foram previstos R\$ 30 milhões. O atual volume de recursos poderá atender até 40 listas de beneficiários. Antes, o limite era de apenas seis listas.

Houve mudança no valor máximo por lista de produtores, que agora é de R\$ 800 mil, com exigência de no mínimo 200 produtores ou 20 mil hectares para cada lista. Já no modelo anterior de contratação, o limite máximo de subvenção era de R\$ 2,5 milhões por lista, com ao menos 500 produtores ou 50 mil hectares em cada. Somente serão habilitadas as listas cuja relação apresente, no mínimo, três registros individuais das produtividades observadas para cada ficha da lista. É recomendável que o produtor informe as produtividades observadas na propriedade nas últimas seis safras de soja.

## Cronograma Operacional do Modelo

ETAPAS	PRAZOS
1. Disponibilização do Edital completo na página eletrônica do MAPA	21/03/2016
2. Data limite para envio do Requerimento de Identificação da Entidade e Lista – RIEL (credenciamento de entidades junto ao MAPA)	29/04/2016
3. Divulgação dos Formulários de Cadastramento dos Produtores (FCPs) preenchido até 04/05/2016, contendo os quantitativos dos parâmetros (beneficiário/área)	06/05/2016
4. Data limite para preenchimento do FCP pelas entidades credenciadas	31/05/2016
5. Divulgação do resultado da habilitação/classificação na página eletrônica do MAPA e envio das listas classificadas para as seguradoras	10/06/2016
6. Abertura do sistema do MAPA (SISSER) para envio das propostas pelas seguradoras	04/07/2016

## Taxas melhores

“A negociação coletiva continua sendo atrativa para o produtor, porque aumentamos o número de listas. Além disso, as taxas praticadas e a qualidade dos produtos contratados coletivamente são melhores em relação ao modelo tradicional”, destaca o diretor de Crédito, Recursos e Riscos do MAPA, Vitor Ozaki. Ele lembra que quanto maior o número de sojicultores - ou quanto maior o somatório da área de determinada lista -, maior a possibilidade dessa lista ser classificada e de se assegurar a subvenção aos produtores.

Para participar do processo, o agricultor não poderá estar em mais de uma lista, lembra Ozaki. “Também há a possibilidade de agrupamento entre entidades pequenas para atingir o número mínimo de produtores ou área determinada para as listas. Além disso, uma entidade pode encaminhar ao MAPA quantas listas quiser.”

Os produtores que já contrataram o seguro rural também podem participar de uma lista e concorrer à subvenção. Segundo Ozaki, os agricultores que eventualmente não forem contemplados poderão tentar o acesso à subvenção pelo modelo tradicional. O processo de cadastramento, iniciado agora, deve ir até o final de maio.

O coordenador do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, Pedro Loyola, recomenda aos produtores paranaenses interessados que busquem junto aos corretores de seguro, cooperativas e associações informação sobre a organização das listas. Como os recursos são limitados, poderá haver maior disputa entre os interessados em 2016. Loyola lembra ainda que o produtor que tiver interesse em participar de uma lista não precisa ser necessariamente associado

ou cooperado. Além disso, os produtores que não tiverem interesse em participar dessas listas ou os interessados que não consigam acesso à subvenção do seguro ao final desse processo, em ambos os casos terão ainda possibilidade de acessar a subvenção no sistema tradicional, junto às corretoras e companhias seguradoras.

A vantagem dessa lista é possibilitar uma negociação coletiva entre produtores e seguradoras, obtendo acesso primeiro aos recursos de subvenção, já que o resultado das listas vencedoras será divulgado até o começo de julho. A outra vantagem é que, por se tratar de uma negociação com diversas seguradoras, aumentará a competição e isso vai se refletir em taxas mais baixas.

O presidente da FAEP, Ágide Meneguette, destacou que “o MAPA atendeu as demandas do setor produtivo e realizou mudanças nos procedimentos e regras. Na edição do ano anterior foi muito curto o prazo para organizar as listas e negociar as condições e taxas com as seguradoras. Agora os prazos estão mais adequados e haverá uma intensa competição, o que é saudável para o seguro agrícola e beneficia os produtores.”

Nas novas regras, o MAPA vai disponibilizar as listas para todas as companhias seguradoras, que farão as propostas e a decisão final sobre a seguradora escolhida em cada lista será da cooperativa, associação ou entidade representativa que encaminhou a lista de produtores. Outro ponto importante é que dentre as regras do edital, o seguro agrícola ofertado parte com pelo menos 65% de nível de cobertura sobre a produtividade estipulada pela seguradora. A FAEP tem recomendado que os produtores evitem contratar seguros com baixo nível de cobertura (50% a 60%), sendo ideal níveis de cobertura em torno de 70% ou mais.





*Deltan Dallagnol: a sociedade precisa dar um jeito no país do jeitinho*

e no sistema de justiça”, afirma.

Sobre a descrença popular de que é possível a mudança, ele responde: “Ironicamente, o país do jeitinho acha que não tem mais jeito”. E ele mesmo rebate, dizendo que mudar o rumo é difícil, mas possível. Dallagnol lembra exemplos históricos, como o fim da escravidão na Inglaterra no final do século XVI, que envolveu todo o povo que se mobilizou e ofereceu mais de 100 petições públicas por ano, num total de mais de 5 mil no período. “Não foi uma luta fácil, mas, 30 anos depois, acabou-se com a escravidão”, recorda.

## Explicações para a crise

O coordenador da Lava Jato tenta explicar aos participantes de suas palestras que a crise atual se dá em três dimensões. Uma delas é a crise econômica, resultado de políticas equivocadas postas em prática nos últimos anos. Estão nesse “pacote” a elevação das despesas da União, emprego de recursos em despesas correntes e não em investimentos produtivos, a queda no preço das commodities no mundo (óleo, soja, ferro), o aumento do déficit público, o crescimento da inflação e a desvalorização da moeda.

Em segundo lugar, há uma crise política, que está arraigada no modo de o governo brasileiro funcionar. Não basta eleger-se presidente: para governar é necessário aprovar leis no plenário. Por isso, o governo tem que buscar apoio de partidos e parlamentares. Essas negociações resultam em troca de favores – os partidos aliados querem tomar parte na administração da coisa pública. Eles buscam a aprovação do governo para que nomes por eles indicados assumam posições-chaves na administração,

como ministérios e diretorias de estatais. É uma relação de interesses, mas até aí não tem nada de errado. Essa relação é chamada de presidencialismo de coalizão, porque o presidente só consegue governar quando forma um conjunto de parlamentares e partidos que lhe dão apoio.

Parlamentares dependem de votos dos eleitores, portanto, quanto maior a popularidade do governo mais perto eles querem estar e o contrário também é verdadeiro. Assim, quando vivemos tempos de crise política, os parlamentares afastam-se do governo. Em consequência, o presidente não consegue mais governar. Cria-se aí um círculo vicioso entre crise econômica e crise política. Para sairmos da crise econômica, cortarmos gastos, mudarmos o modo de investimento é preciso a aprovação de projetos de lei, e com a crise política isso não é possível. A crise política alimenta a crise econômica. A crise econômica alimenta a crise política.

No meio disso tudo entra a Lava Jato trazendo à tona uma crise ética. As investigações identificaram que parlamentares e partidos não indicam de estatais e ministérios para contribuir com a administração pública, mas para fins de arrecadação de propinas no contexto de campanhas eleitorais caríssimas e de enriquecimento pessoal.

“Tudo que estou dizendo não tem nada a ver com ser pró ou contra impeachment”, diz o procurador Dallagnol. “Sou neutro em relação a isso. O que queremos é que o sistema político funcione bem, que o sistema de justiça funcione bem, que os demais serviços públicos funcionem bem. Vivemos crises, e podemos simplesmente amargá-las ou aproveitá-las para plantar um país melhor.”

# Gerência feminina

Produtoras encontram nos cursos do SENAR-PR motivação para alavancar a propriedade



Eliane Silva: "Qualidade de vida no meio rural"

No mês em que se comemorou o Dia Internacional da Mulher (8/3) apresentamos duas histórias de produtoras rurais que encontraram nos cursos do SENAR-PR a motivação para alavancar a produção na propriedade rural. Quando Eliane Silva resolveu, em 2011, trocar o trabalho no comércio em Curitiba pela produção de leite em Chopinzinho a meta era a conquista de mais qualidade de vida. A outra história é da produtora Aparecida Ramalho, de Araruna, que pesquisou durante seis anos a atividade de produção de rosas. Hoje é o cultivo das flores que garante a maior renda da família.

Eliane Terezinha de Abreu Silva, 42 anos, viveu em um sítio com os pais, em Chopinzinho, até completar 18 anos, quando se

casou com Alair. Na mesma semana, o casal se mudou para a capital. "Naquele tempo a vida no campo era muito difícil. Sempre ajudei meus pais, trabalhávamos o ano inteiro e no final do ano não tínhamos dinheiro nem para comprar um sapato", conta.

Após 17 anos de muito trabalho, mas também de muito estresse, correria e insegurança por conta da violência urbana, resolveram voltar. "Saíamos para o trabalho e nosso filho estava dormindo e quando chegávamos a mesma coisa. Decidimos então voltar para o interior e tentar o trabalho no campo".

O casal conseguiu comprar uma propriedade de 24 hectares no município de Chopinzinho. Procuraram o sindicato rural em busca de informações sobre atividades viáveis e optaram pela produção de leite. A dupla tem apenas o 2º grau, e foi nos cursos do SENAR-PR que encontrou conhecimento e formação para arregaçar as mangas.

O primeiro curso de Eliane foi o de Produção Artesanal de Alimentos - derivados de leite, onde aprendeu a produzir queijos. Foi no Programa Empreendedor Rural (PER) que ela encontrou as informações essenciais para estruturar a propriedade. "Lembro até hoje do instrutor falando que os primeiros anos não seriam fáceis, e não foram mesmo. Mas com planejamento e gestão conseguimos estruturar a propriedade e adquirir seis vacas", revela Eliane.

Após seis anos o casal comemora os primeiros resultados – além de ampliar o rebanho, conseguiram diversificar a atividade e garantir a comercialização. Hoje fornecem leite para o laticínio Santa Clara e pães para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e

o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae). Também iniciaram a construção de uma estufa para produção de morangos.

“Já conseguimos construir uma pequena casa na propriedade, uma sala para produção de pães artesanais e a compra financiada de um trator. Faltam os acabamentos e alguns equipamentos, mas os resultados apareceram”, afirma.

Eliane reconhece que sem o conhecimento adquirido nos cursos do SENAR-PR o trabalho seria muito mais difícil. “Os cursos trouxeram as informações e técnicas que precisávamos para conseguir o retorno financeiro. Temos muito que crescer. Tenho planos de produzir frango caipira, hortaliças e legumes orgânicos também para a merenda. Mas nossa maior conquista foi a qualidade de vida. Hoje as condições para se produzir são muito melhores que no tempo do meu pai”.

## Cultivando rosas

A produtora rural Aparecida Bondezan Ramalho, 45 anos produzia leite e mandioca na propriedade de 24 hectares em Araruna, município vizinho a Campo Mourão, junto ao marido Antônio Camilo Ramalho. Mas queria ter um negócio para ela própria. Foi com essa ideia na cabeça que iniciou, em 2005, uma peregrinação para descobrir uma nova atividade rentável.

“Comecei a pesquisa na internet e depois fui ao sindicato rural. Consegui o contato do produtor Julio Hamamoto, de Cianorte, e após a primeira visita à propriedade escolhi o cultivo de rosas”, diz Aparecida.

Ao longo desse processo a produtora também fez alguns cursos do SENAR-PR – De Olho na Qualidade, Informática, Mulher Atual, Aplicação de Agrotóxicos, Floricultura, Negócio Certo Rural

e atualmente faz o Programa Empreendedor Rural.

“Além dos cursos do SENAR-PR e das visitas à propriedade de Hamamoto, visitei também a Exploflora em Holambra, São Paulo. Conhecimento nunca é demais e aprofundar as informações sobre uma nova cultura que queremos investir é essencial”, completa.

O casal começou, em 2011, o cultivo de rosas com 2.500 pés em uma área de 800 metros quadrados. Hoje as rosas, de 15 variedades, ocupam uma área de 3 mil m<sup>2</sup>. A família já iniciou os preparativos para aumentar o roseiral em mais 5 mil m<sup>2</sup>. As mudas para essa nova área estão sendo preparadas pela família. “Minha meta é chegar a 20 mil m<sup>2</sup> de área plantada e assim conseguir atender a demanda dos clientes”, revela.

O retorno financeiro da atividade foi tão promissor que o casal atraiu a atenção do filho mais velho Rafael, 22 anos e do irmão de Aparecida, Rivelino. “Rafael também fez comigo o curso Negócio Certo Rural. Com os resultados da comercialização entendeu que vale a pena continuar no campo. Por isso também que estamos ampliando o negócio”, explica.

Toda a produção de Aparecida tem venda garantida para empresas da região que fazem decoração de festas, casamentos, formaturas e aniversários. Ela também fornece para funerárias, floriculturas e igrejas. O plantio das novas mudas e a colheita são programados para se intensificarem nos meses de maior procura que são: janeiro, maio, setembro, outubro, novembro e dezembro. É com manejo e poda das roseiras que a produtora controla a produção.

“A roseira começa a produzir entre nove a 12 meses, mas aqui na propriedade a produção começou com sete meses. Acho que foi a dedicação da gente com as plantas que rendeu esse resultado. Além da viabilidade econômica da produção, o cultivo de flores transformou a minha vida. Hoje me sinto feliz e realizada”, afirma.



Aparecida Ramalho: “Realizada e feliz”

# O campo na mira dos bandidos

Cresce a preocupação com assaltos nas propriedades rurais. Conheça algumas experiências de combate ao crime e veja o que você pode fazer para melhorar suas próprias condições

Por Katia Santos

Conheça os **sindicatos rurais** que têm parcerias com as autoridades para prevenir a violência no campo



Em janeiro deste ano, dois homens armados e encapuzados invadiram a sede de uma fazenda na zona rural de Arapuã, na região central do Paraná. Amarraram os pés e as mãos do casal de produtores que vivia no local, e fizeram o mesmo com o neto deles, de seis anos. Faziam muitas ameaças e pareciam saber o que queriam, porque pediam insistentemente que entregassem R\$ 20 mil. Como não encontraram esse valor, deixaram o local levando uma caminhonete e uma moto.

Cenas de violência como essa já não são mais estranhas às famílias que vivem no campo. Embora não haja dados específicos a respeito de roubos em propriedades rurais, a sensação geral é de que os números andam crescendo. E há o temor de que a crise econômica por que o país passa possa levar a um aumento na quantidade de ocorrências.

O medo de ações levou ao surgimento de diversas iniciativas

destinadas a melhorar a segurança no campo. Uma delas ocorrerá na 56ª edição da Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina (ExpoLondrina), marcada para 8 a 10 de abril. Em meio a uma maratona de desenvolvimento de tecnologias para o agronegócio, especialistas da área serão estimulados a trabalhar no desenvolvimento de softwares para a segurança.

A sugestão foi feita à organização do evento pelo chefe de núcleo da Secretaria de Agricultura do Paraná (Seab), Antônio Carlos Barreto, que vê na violência um fator a estimular o êxodo dos produtores. “Como temos contato direto com inúmeros produtores da região, estamos vendo o aumento do número de ocorrências de roubos e furtos com atos de violência na área rural. O produtor não pode ficar sozinho, se ele sair do campo quem vai continuar produzindo comida?”, questiona.

## Cooperação entre os produtores

O medo da violência e o receio de levar prejuízo não é só dos produtores, chega também aos seus fornecedores. A Associação Norte-Paranaense de Revendedores de Agroquímicos (Anpara) relata que, em três anos, foram registradas 45 ocorrências em propriedades, revendas e cooperativas em sua área de atuação. “É uma média de 15 casos por ano, pouco mais de um por mês. Pode parecer pouco, mas os prejuízos somam mais de R\$ 10 milhões”, avalia o presidente da Anpara, Irineu Zambaudi.

Para ele, o alto valor e a relativa facilidade de revenda desses produtos torna-os atraentes para os bandidos, que anteveem neles uma alta rentabilidade. O produtor e a sociedade, entretanto, correm riscos. Há implicações ambientais, pois esses produtos acabam sendo aplicados sem orientação técnica, podendo causar danos significativos ao meio ambiente e à população consumidora, que irá comprar alimentos produzidos com agroquímicos aplicados sem supervisão. “Nosso papel é sensibilizar as autoridades para a gravidade e o aumento do número dessas ocorrências”, alerta Zambaudi.

A Polícia Militar admite que são poucos os municípios que contam com patrulhas rurais. Na maior parte das vezes, o atendimento às ocorrências na área rural é feito por equipes sediadas nas regiões urbanas – o que, na prática, conforme sabem muito bem os produtores, tende a tornar a resposta policial lenta ou até inexistente. A PM recomenda que o produtor “deve também contribuir com sua segurança”, prestando atenção em movimentações estranhas, avisando os vizinhos quando vai sair de casa, mantendo maquinários e ferramentas bem fechadas em galpões ou paióis, por exemplo.

Nem tomando todas essas precauções, entretanto, o produtor está seguro. Muitas vezes, o uso de segurança particular é um auxílio. Foi assim no caso de uma propriedade em Cruzmaltina, também no Centro do Estado. Três homens invadiram a fazenda e tentavam render os moradores, quando foram abordados pelo segurança do local, um policial aposentado. Eles foram rendidos, desarmados e entregues à polícia. Mas quantos agropecuaristas têm condições financeiras de manter vigilância privada em suas terras?

Em Guarapuava, a cooperação entre os produtores foi o caminho. No município, que fica na região Centro-Sul do Estado, um grupo de 300 produtores rurais mantém há 11 anos um sistema privado de monitoramento das propriedades. A iniciativa de organização do grupo foi do Sindicato Rural de Guarapuava.

“Diante do pouco efetivo de viaturas da Polícia Militar e do aumento da insegurança no campo fizemos um levantamento de preço e escolhemos em reunião uma empresa. A prestação de serviços vem sendo aprimorada à medida que evolui a tecnologia disponível”, explica o líder sindical, Rodolpho Luiz Werneck Botelho.

Foram definidas rotas para a ronda das propriedades e horários indeterminados. Também foram instalados botões de confirmação que registram os deslocamentos. O serviço de segurança privada trabalha em parceria com as polícias militar, civil e rodoviária. “Esse trabalho não resolveu 100% do problema, mas os produtores sentem uma melhora na sensação de segurança”, completa Werneck.

Além das patrulhas rurais, a empresa já chegou a utilizar em casos extremos monitoramento aéreo. Também são feitas periodicamente na sede do sindicato palestras com orientações sobre prevenção. O serviço atende produtores dos municípios de Guarapuava, Pinhão, Candoi, Reserva do Iguazu, Campina do Siqueira, Cantagalo, Goioxim e no Distrito de Entre Rios.

## Colaboração com as autoridades

Outra saída parece estar em modelos colaborativos, em que a comunidade rural organizada coopera com as autoridades, ao mesmo tempo em que estimula atitudes seguras. Vários sindicatos rurais no Paraná desenvolvem iniciativas nessa área: palestras educativas, parcerias e ações conjuntas com o poder público, por exemplo. Um exemplo vem do município de Apucarana onde foi criado em 2013, o primeiro Conselho Comunitário Rural de Segurança do Brasil.





“O conselho é o caminho mais curto para discutir e planejar a segurança entre a sociedade civil e o poder público”, explica o coordenador estadual dos conselhos de segurança (Consegs), Caio Rizzardi. “A Constituição Federal, em seu artigo nº 144, diz que a preservação da ordem pública é dever do Estado, porém, é direito e responsabilidade de todos. Por isso surgiram os conselhos comunitários, para criar um espaço de participação da sociedade com base na filosofia de polícia comunitária.”

Hoje estão em atividade no Paraná 230 Consegs, sendo 35 em Curitiba, três em Londrina, três em Ponta Grossa e dois em Colombo, Região Metropolitana de Curitiba. No site <http://www.conseg.pr.gov.br>, as entidades e cidadãos interessados em criar um conselho comunitário de segurança no seu bairro ou na sua cidade encontram um roteiro completo.

O município de Apucarana, região Norte do Estado, tem dois Consegs, um que atua na área urbana e outro exclusivo para a área rural, que foi criado por iniciativa do sindicato rural. “Os dois atuam juntos e complementam as ações de prevenção”, avalia Rizzardi. O município tem aproximadamente 700 quilômetros de estradas rurais.

O presidente do sindicato, que também é presidente do Conseg, Claudomiro Rodrigues da Silva, informa que os resultados do conselho são positivos e o primeiro deles foi a redução do número de ocorrências na área rural. Foram 14 casos em 2014 e sete no ano passado. “Hoje enfrentamos uma dificuldade, que é a falta de um comandante da Polícia Militar na região desde novembro de 2015. Sem isso o trabalho da patrulha rural fica prejudicado. Também cooperamos com a PM no sentido de manter em funcionamento o veículo e os equipamentos que fazem a patrulha rural”, informa.

Além da falta de uma coordenação específica para a patrulha

rural, o Conseg Rural não conseguiu a carta constitutiva, que formaliza sua existência. “Desde a criação do Conseg Rural houve várias trocas de comando na região e isso impediu que conseguíssemos a carta. Apesar dessa dificuldade burocrática, estamos trabalhando com os produtores rurais para melhorar a segurança na área rural e temos tido êxito”, afirma o vice-presidente do sindicato e do Conseg Rural, Renato Franciscon.

Durante seu processo de planejamento, o Conseg Rural identificou dois fatores que contribuíam para a falta de solução para as ocorrências: 44% dos produtores rurais que sofriam roubo ou furto na propriedade não registravam boletim de ocorrência. Nessa época o índice de solução dos casos registrados era zero.

“A falta de registros dificultava a atuação da PM. Esse problema foi resolvido após a realização de palestras educativas nas 12 comunidades rurais do município. Repassamos orientações ao produtor de como repassar informações a polícia em caso de ocorrência e como adotar um comportamento preventivo na propriedade”, conta Franciscon. Assim, a solução das ocorrências que era de zero, em 2012, para a identificação dos bandidos, passou para 80% dos casos, a partir de 2013. Franciscon observa ainda que, além da mudança de hábitos, os produtores investiram maciçamente na instalação de equipamentos de segurança nas propriedades. O uso de câmeras de vídeo e alarmes ajuda a prevenir os crimes e, quando eles ocorrem, favorece a ação da polícia.

## Colaboração com o patrulhamento

Experiências semelhantes ocorreram em outras regiões do Estado. Em 2015, o Sindicato Rural de Pato Branco, região Sudoeste do Estado, registrou um aumento de ocorrências de furtos e roubos na área rural e solicitou apoio do 3º Batalhão da Polícia Militar para orientar os produtores rurais. Foram 15 assaltos no município, no ano passado. Foram realizadas palestras nas comunidades rurais Fazenda da Barra, Sede Gavião, São Caetano, São João Batista e Independência. Além de realizar os encontros, o sindicato também tem apoiado financeiramente a PM na manutenção do veículo que faz a patrulha rural.

Os resultados foram excelentes, segundo o presidente do sindicato rural, Oradi Caldato, que esse ano estendeu o trabalho para os municípios onde o sindicato tem extensões de base. Em Bom Sucesso do Sul

o encontro com os produtores está marcado para o dia 31 de março. Itapejara D'Oeste deve receber a palestra em abril e Mariópolis, em maio.

Em Londrina, o sindicato rural tenta, há alguns anos, implantar um projeto de monitoramento na área rural junto com a Polícia Militar. A proposta ainda não saiu do papel por falta de estrutura física do poder público. O plano era criar pontos alternados de patrulhamento monitorados por satélite, em uma área de abrangência de 1 mil quilômetros de estradas rurais.

“Para essa extensão, precisaríamos de três viaturas, no mínimo. Vamos voltar a procurar as autoridades, já que o efetivo de policiais na região, que estava desfalcado, foi repostado. Como é grande a área de abrangência o essencial é agir com inteligência”, afirma o líder sindical Narciso Pissinati. “É claro que o sindicato colaboraria com o patrulhamento.”

Em Mamborê o sindicato adquiriu há 11 anos um viatura para que a PM fizesse o patrulhamento na área rural. “É claro que a viatura não existe mais devido ao desgaste pela grande área de cobertura. Mas o trabalho teve sucesso e ajudou muito os produtores rurais”, informa o presidente do sindicato Edgar Sehaber.

Estratégia semelhante foi adotada em Ubatã. Lá, o sindicato também ajudou na compra de uma viatura, em 2014, para o patrulhamento de uma área rural de 53 mil hectares. O sindicato rural local trabalha em conjunto com as cooperativas Agroindustrial União (Coagru) e Integrada. “O trabalho de prevenção deu certo, mas devido à crise econômica algumas ocorrências voltaram a ser registradas esse ano”, diz o líder sindical Osmar João Bertoli Junior. Ele é o representante no Conseg do município e também promove encontros educativos sobre o tema com os associados.

Em Cambé, o sindicato rural conseguiu concretizar a parceria com a Polícia Militar para atender sua área rural, de 30 mil hectares. A solução encontrada foi adquirir uma linha de celular que foi divulgada para os produtores associados ao sindicato e fornecer o aparelho para a PM. Em caso de suspeita ou ocorrência, os produtores acionam a polícia através desse número. “Dessa forma as viaturas identificam que o problema é na área rural e se deslocam de forma mais rápida”, informa o

presidente do sindicato, João Antônio Menolli.

Menolli, que é um dos dois representantes da comunidade rural no Conseg do município, conta que o sindicato também organiza periodicamente palestras com orientações preventivas de segurança. “Há 27 anos estou à frente do sindicato e procuro manter uma boa relação com as autoridades. Sempre fomos bem atendidos pelas polícias Militar e Civil e pelo promotor público. Quando o assunto é segurança, todos têm responsabilidades”, argumenta.

## Fique de olho!

### *Veja algumas dicas para o produtor melhorar a segurança na propriedade rural.*

- Quando encontrar ou for abordado por um veículo estranho na vizinhança, tente guardar na memória a placa, e tome nota na sequência. Os policiais não recomendam anotar na frente da pessoa, para evitar constrangimentos. Em seguida, repasse essa informação para o número 181 (Disque-denúncia), que encaminhará a informação à Patrulha Rural. Quando o produtor observar alguma movimentação estranha em uma casa vizinha ou até mesmo um furto em andamento, o contato deve ser feito pelo 190.
- Não repasse informações a estranhos.
- Melhore a iluminação na área externa da residência e no entorno da casa.
- Instale alarmes nos galpões onde são guardados maquinários e insumos agrícolas.
- Se possível, mantenha cães para melhorar a guarda na propriedade.



## Cartilha

A partir de estudos sobre a criminalidade no ambiente rural a PM produziu em 2013, a cartilha “Segurança Rural”, que busca a prevenção de crimes nestas áreas. O lançamento aconteceu em Apucarana. Para elaboração da cartilha foram ouvidos produtores, sindicatos rurais e a FAEP, também parceira na produção do material, junto com o SENAR-PR. O material traz, de forma explicativa, algumas orientações para que a segurança da população no ambiente rural melhore, dando dicas sobre vigilância

natural, reforço territorial e controle de acesso.

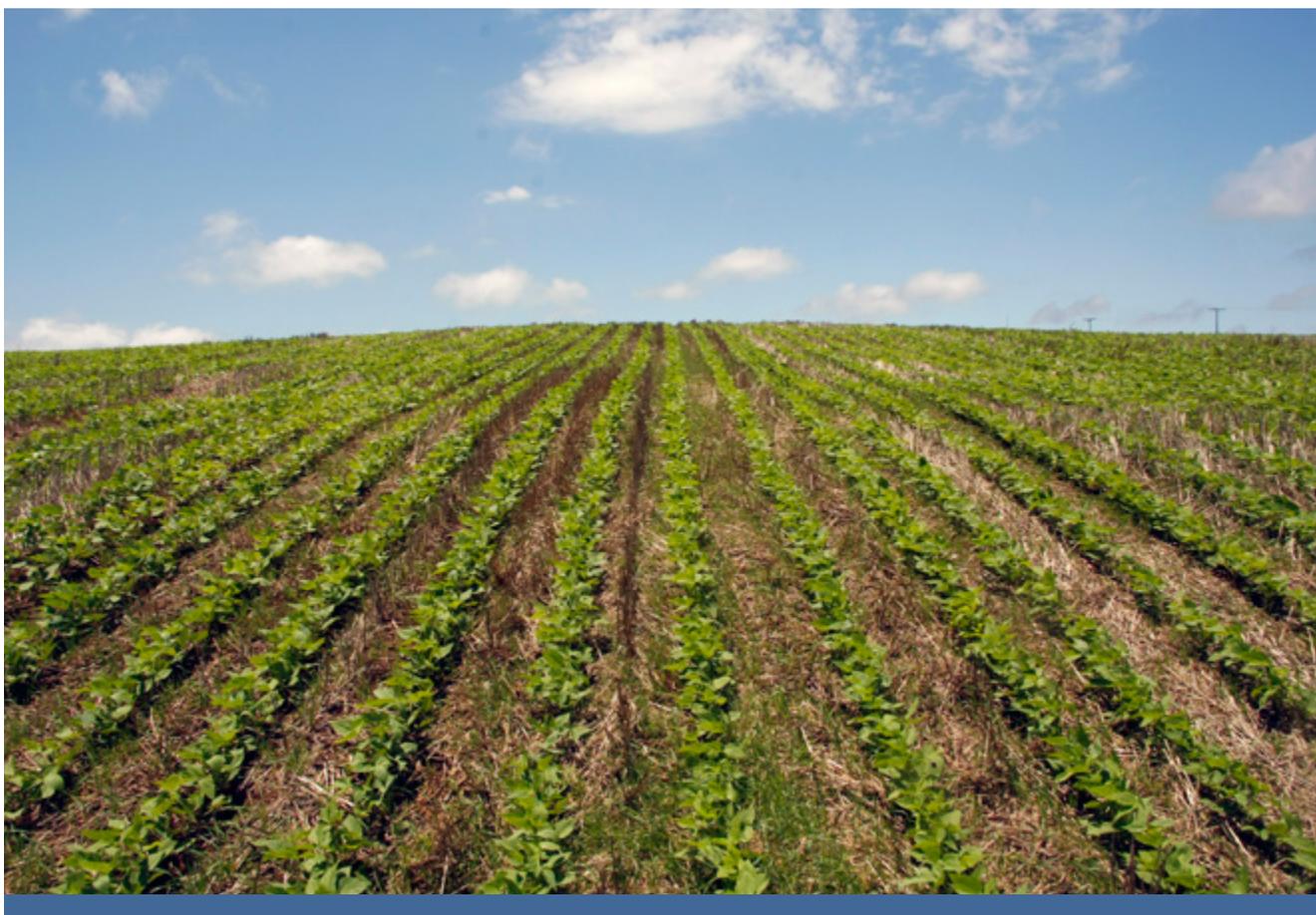
O material também ressalta a questão da estrutura de uma propriedade rural segundo a “Arquitetura Contra o Crime”, com orientações de iluminação, vizinhança solidária, paisagismo, perímetros de segurança da propriedade, dispositivos de segurança, além de dicas sobre rebanhos, galpões, maquinários, animais de guarda e comportamento preventivo.

A cartilha está, na íntegra, está na internet: <http://www.seguranca.pr.gov.br/arquivos/File/rural2013.pdf>.

# Laboratório do feijão

Experimento financiado pelo Sindicato Rural de Pato Branco busca descobrir quais as melhores cultivares de feijão para a região

Por André Amorim



A agricultura necessita de planejamento. Antes de semear, o produtor deve primeiro avaliar qual a cultura mais adequada para sua região e qual o manejo correto para obter o melhor resultado.

Para que essas importantes decisões sejam tomadas de acordo com critérios técnicos — e não influenciadas por vizinhos, vendedores de insumos e outros “especialistas”, que acabam prejudicando muito mais do que ajudando — o Sindicato Rural de Pato Branco vem promovendo um trabalho científico de avaliação de sementes e tecnologias para a cultura do feijão.

Desde 2012 são feitos experimentos, utilizando diversos cultivares, que são submetidos a diferentes tratamentos tecnológicos de fungicidas e inseticidas, com objetivo de avaliar qual a melhor escolha para o produtor.

O feijão é uma cultura importante na região. Segundo o De-

partamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria estadual da Agricultura e Abastecimento (Seab), a área destinada à segunda safra do grão, que é a mais significativa, corresponde a 21% do total do Estado, 45 mil hectares, e a 22% da produção estadual, cerca de 90 mil toneladas. Na primeira safra, estes números são bem menores (equivalem a 10% do total), uma vez que a maioria dos agricultores opta pela soja de verão.

Os experimentos são desenvolvidos durante a primeira e segunda safras, levando em conta tanto diferentes cultivares quanto diferentes níveis tecnológicos de manejo. A iniciativa é realizada através de uma parceria entre o Sindicato Rural de Pato Branco, que financia o projeto, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) – campus Pato Branco, que fornece os equipamentos e a expertise técnica, e a cooperativa Coopertradição, que participa com os insumos.

“O resultado é fantástico, recentemente tivemos a melhor safrinha da história e tenho certeza que muitos produtores se basearam nesse estudo para fazer suas lavouras” analisa o presidente do Sindicato Rural de Pato Branco, Oradi Caldato. “A gente observava muito produtor dando muito tiro no próprio pé. Não dominavam a cultura, plantavam sementes que compravam do vizinho, às vezes colhida muito seca, sem vigor, contaminada. Não pode ser assim”, adverte.

Na safra de 2014 (plantada em outubro) foram avaliados 16 cultivares de feijão, sendo três de feijão preto, 11 de carioca, um de rajado, um de jalo, que foram submetidos a dois manejos diferentes, variando o tratamento de sementes com fungicida e inseticida e o uso de fungicidas aplicados na parte aérea durante o desenvolvimento da cultura.

Na safrinha, plantada em fevereiro, que responde por mais de 90% da produção de Pato Branco, foram avaliados 20 cultivares, sendo 11 de carioca, seis de preto, dois de rajado e um de feijão jalo. Também foram utilizados dois níveis tecnológicos diferentes em cada um. Obedecendo o rigor científico, cada variação tem três repetições, para que possa ser feita uma média. “Pode ser que em uma parcela tenha um solo melhor que outra, então é necessário repetir”, afirma o professor da UTFPR Paulo Henrique de Oliveira, doutor na área de melhoramento genético vegetal e coordenador da pesquisa. Segundo ele, no início deste experimento, em 2012, eram avaliadas apenas sementes de empresas públicas como Em-

brapa e Iapar, hoje, entram na pesquisa também algumas sementes de empresas privadas. Na safrinha que está em campo nesse momento, são avaliados 22 cultivares. Os experimentos são realizados dentro da área experimental da universidade.

Os resultados de produtividade são apresentados em uma tabela que traz o rendimento por saca por hectare de cada cultivar analisado em cada manejo diferente. Dessa forma, é possível avaliar qual a opção mais interessante para cada situação. “Mesmo a propriedade que tem menos poder de fogo para investir muito tem a opção de cultivares com menos tecnologia”, observa Oradi.

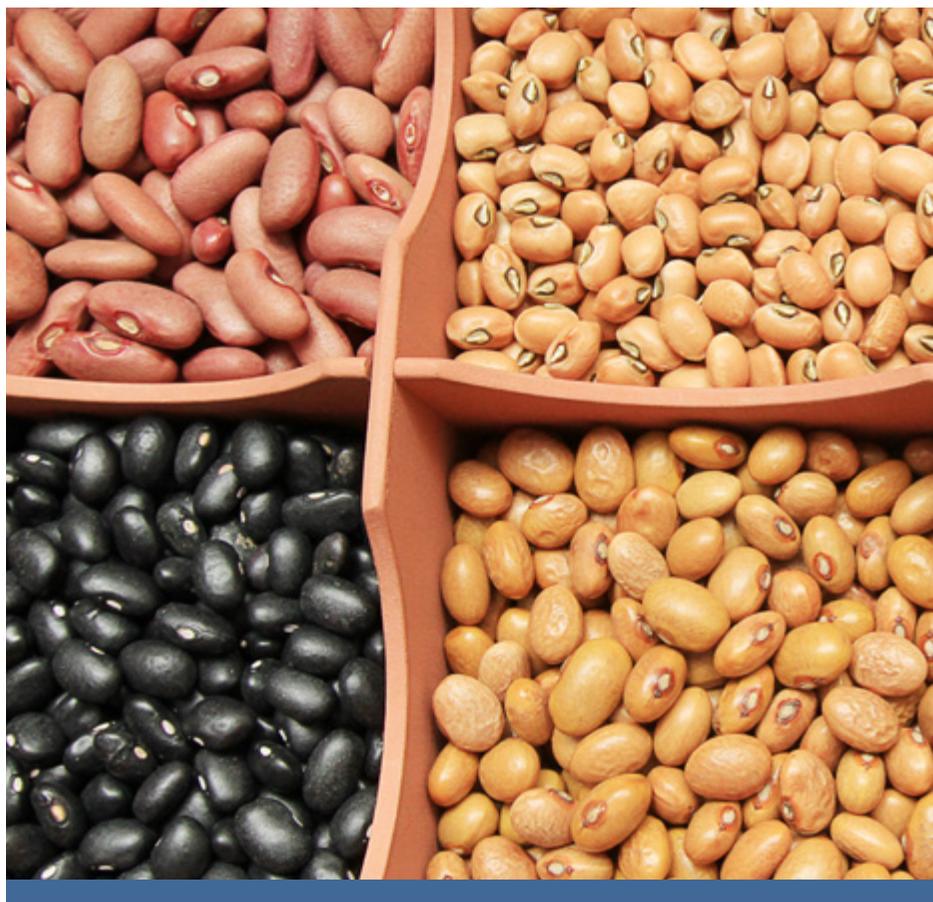
A apresentação das tabelas é feita durante um jantar onde é servida uma bela feijoada. Na ocasião, além dos resultados do experimento, os produtores assistem a uma apresentação onde são passadas diversas outras informações sobre a cultura do feijão. A divulgação desse trabalho também é feita em dias de campo e palestras na região.

## Procurando a época certa

Outro experimento que vem sendo desenvolvido busca saber quais às melhores épocas para o plantio da safrinha de feijão. De acordo com o zoneamento agroclimático para a região de Pato Branco, esse plantio deve ser feito até o dia 20 de janeiro. Porém alguns agricultores já estendem esse prazo além do período recomendado.

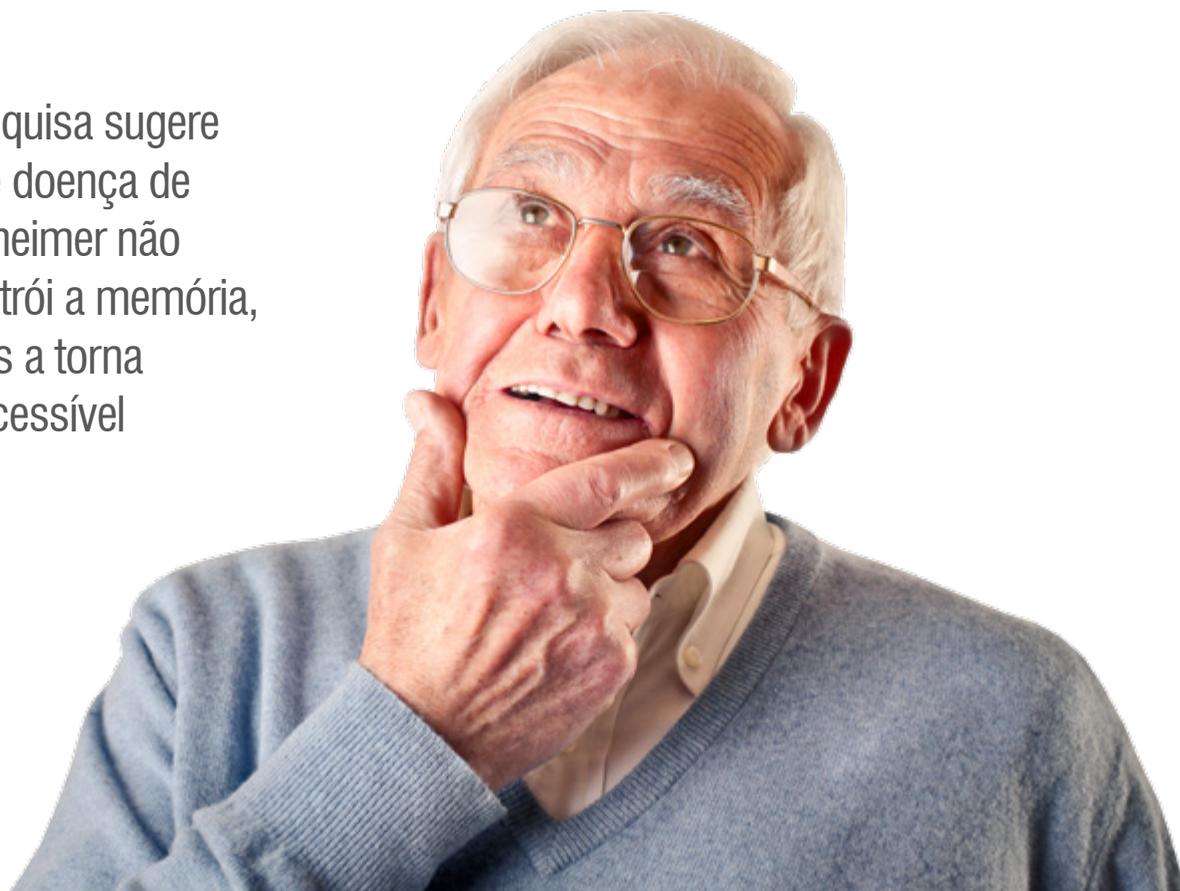
Em 2015 este experimento testou quatro épocas diferentes de semeadura, com distância de cerca de 15 dias entre cada uma (14 de janeiro, 30 de janeiro, 15 de fevereiro e 2 de março). Foram utilizadas quatro cultivares distintos, sendo dois de feijão carioca e dois de feijão preto. O delineamento experimental utilizou quatro repetições, somando assim 16 parcelas por época de plantio. O tratamento tecnológico nesse caso foi o mesmo para todas as parcelas.

O resultado mostrou média de produtividade em cada época diferente. Segundo a conclusão do pesquisador Rodrigo Zanella, os resultados obtidos em 2015 mostram que é possível estender por alguns dias o plantio de feijão na região, apesar da média de produtividade por época de semeadura indica o primeiro período – dentro do zoneamento para a região - mais produtivo que os demais.



# MEMÓRIA RECUPERADA

Pesquisa sugere  
que doença de  
Alzheimer não  
destrói a memória,  
mas a torna  
inacessível



Pessoas que sofrem do mal de Alzheimer podem não ter “perdido” a memória e ter apenas dificuldade para recuperá-la. É o que sugerem pesquisadores que revelaram a possibilidade de um tratamento que pode algum dia curar os estragos da demência. O prêmio Nobel Susumu Tonegawa (vencedor do Nobel de Medicina de 1987) afirmou

que estudos realizados em ratos mostram que, estimulando áreas específicas do cérebro com luz azul, os cientistas podem conseguir que os animais lembrem experiências às quais não conseguiam ter acesso antes.

Os resultados fornecem algumas das primeiras evidências de que a doença de Alzheimer não destrói memórias especí-

ficas, mas as torna inacessíveis. “Como seres humanos e camundongos tendem a ter princípios comuns em termos de memória, nossos resultados sugerem que os pacientes com a doença de Alzheimer, pelo menos em seus estágios iniciais, podem preservar a memória em seus cérebros, o que indica que eles têm chances de cura”, afirmou Tonegawa.

A equipe de Tonegawa usou camundongos geneticamente modificados para mostrar sintomas semelhantes aos dos seres humanos que sofrem de Alzheimer, uma doença degenerativa do cérebro que afeta milhões de adultos em todo o mundo. Os animais foram colocados em caixas por cuja superfície inferior passa um baixo nível de corrente elétrica, causando uma descarga desagradável, mas não perigosa em seus membros.

Um rato que não tem Alzheimer que é devolvido para o mesmo recipiente 24 horas depois tem um comportamento medroso, antecipando, assim, a sensação desagradável. Já os camundongos com Alzheimer não reagem da mesma forma, indicando que não guardam nenhuma memória da experiência. Mas quando os pesquisadores estimulam áreas específicas do cérebro dos animais – as chamadas “células de engramas” relacionadas à memória – usando uma luz azul, lembram da sensação desagradável. O mesmo resultado foi observado inclusive quando se colocavam os animais num recipiente diferente durante o estímulo, o que sugere que a memória teria sido retida e se ativou.

## Conexões sinápticas

Ao analisar a estrutura física do cérebro dos camundongos, os pesquisadores mostraram que os animais afetados com a doença de Alzheimer tinham menos “espinhas dendríticas”, construções no cérebro através das quais as conexões sinápticas são formadas. Com a repetição dos estímulos de luz, os animais podem incrementar o número de espinhas dendríticas, atingindo o nível de ratos normais, e então voltando a

mostrar um comportamento de medo no recipiente de origem.

“A memória de ratos foi recuperada através de um sinal natural”, disse Tonegawa, referindo-se ao recipiente que causava o comportamento de medo. “Isto significa que os sintomas da doença de Alzheimer em camundongos foram curados, pelo menos em seus estágios iniciais”, disse. A pesquisa, patrocinada pelo Centro Riken-MIT para Genética de Circuitos Neurais, é a primeira a mostrar que o problema não é a memória, mas sua recuperação, disse o centro com sede no Japão.

“É uma boa notícia para os pacientes de Alzheimer”, disse Tonegawa. O estímulo ótico das células cerebrais – técnica chamada “optogenética” – implica inserir um gene especial nos neurônios

para fazê-los sensíveis à luz azul, e depois estimulam partes específicas do cérebro. A optogenética foi usada anteriormente em tratamentos psicoterapêuticos para doenças mentais, como depressão e transtorno de estresse pós-traumático (PTSD).

Tonegawa disse que a pesquisa em ratos dá esperança para o tratamento futuro do mal de Alzheimer, que afeta 70% das 4,7 milhões de pessoas no mundo sofrem de demência, um número que deve aumentar à medida que a expectativa de vida das pessoas aumenta. Mas o pesquisador adverte que muito trabalho ainda é necessário. “Os níveis iniciais de Alzheimer poderiam ser curados, no futuro, se conseguirmos uma tecnologia com ética e segurança para o tratamento de condições humanas”, acrescentou.



Susumu Tonegawa, Nobel de Medicina em 1987

# A recusa em discutir o pedágio

Ágide Meneguette | Presidente do Sistema FAEP-SENAR/PR



Nesta história do pedágio das rodovias do Anel de Integração, o que me admira é gente que deveria agir com responsabilidade se recusar a discutir seriamente as vantagens e desvantagens. Tem gente que é contra, porque é contra o estudo da repactuação dos contratos atuais para reduzir o preço do pedágio e iniciar imediatamente as obras que foram canceladas ou postergadas e as necessárias para a duplicação do Anel.

Esse pessoal insiste para que continuemos pagando tarifas caras e sem obras por mais seis anos, até que novas concessões sejam habilitadas e os respectivos projetos de engenharia formulados, o que certamente acresceria o prazo de extinção dos atuais seis anos para mais alguns anos.

A meu ver, uma repactuação agora teria uma série de vantagens para o Paraná:

- Em primeiro lugar, a concretização de obras públicas que movimentariam a nossa economia, hoje parcialmente paralisada pela crise nacional. Nem o governo federal nem o estadual têm recursos para grandes investimentos;

- Redução do preço do pedágio, que é caro, como todo mundo reconhece, e impacta diretamente na composição dos preços pagos aos produtores rurais, uma vez que o maior volume de car-

ga transportada é do agronegócio;

- Antecipação das obras que foram suspensas ou ficaram para o final dos contratos em razão das desastrosas intervenções de governos estaduais anteriores nos contratos de concessão e, por fim, início imediato da duplicação do Anel.

Não é possível conceber que as mesmas rodovias que davam vazão ao escoamento de 17 milhões de toneladas de grãos no final do século passado, sejam as mesmas para o escoamento dos atuais 38 milhões de toneladas de grãos e mais o grande volume de outros produtos para o mercado interno ou com destino à exportação. Portanto, tal como está hoje, o Anel de Integração é um atraso e um obstáculo ao desenvolvimento econômico do Estado.

A FAEP defende uma repactuação imediata dos contratos para ter obras e preços condizentes com os nossos padrões de produção, calcado em grande parte em commodities de baixa densidade econômica, como é o caso da soja e do milho.

Negar-se a uma discussão realmente séria da duplicação do Anel de Integração agora não me parece uma atitude sensata e levanta a suspeita que existem interesses de grupos na extinção dos atuais dos contratos em novembro de 2021 para eles próprios assumirem as concessões. Se isso for verdade, o cenário é pior ainda por não se tratar da defesa de uma tese – errônea, a meu ver –, mas de interesses que se sobrepõem aos da sociedade paranaense.

A FAEP advoga a total transparência nas negociações para que não paire qualquer dúvida sobre a sua lisura. Sem essa transparência, a FAEP também não aceitaria.

Como sabem os que falam no assunto, a obtenção de valores de pedágio depende de equação matemática, na qual entram variáveis que podem ser fixadas, tais como valor das obras e dos serviços, a taxa interna de retorno e o tempo de concessão.

Não discutir o tema abertamente, com a participação de especialistas, agindo como um rolo compressor junto à opinião pública, é em última análise um desserviço ao nosso Estado.

# Dinheiro que dá em árvores

Florestas plantadas renderam mais de US\$ 6,5 bilhões em exportações no ano passado



As florestas plantadas representam 290 milhões de hectares no mundo e no Brasil concentram mais de 7,6 milhões de hectares. Impulsionados pela Lei de Incentivos Fiscais ao Reflorestamento de 1966 (Lei nº 5.106/66), os plantios florestais brasileiros surgiram como uma opção econômica e se consolidaram no país, promovendo o desenvolvimento sustentável em diversas regiões. Ou seja: o Brasil teve muito a comemorar no dia 21, em que é celebrado o Dia Internacional das Florestas.

Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) mostram que, entre janeiro e novembro de 2015, o setor exportou US\$ 6,5 bilhões em produtos florestais. Em relação aos produtos madeireiros, as vendas de celulose atingiram US\$ 5,1 bilhões, papéis e cartões chegaram a US\$ 1 bilhão e madeira serrada, a US\$ 416 milhões. Os principais destinos foram Europa, América Latina e China.

A maior área plantada está em Minas Gerais, com 1,7 milhão de hectares de eucalipto e 47 mil de pinus. De acordo com dados do Instituto de Florestas do Paraná (IFP), o Estado concentra 1,3

milhão de hectares de florestas plantadas.

Com o histórico de mais de 50 anos de experiência em exploração de plantios florestais, o mercado paranaense é consolidado e muito diversificado, envolvendo a produção de lenha, carvão vegetal, madeira em tora, serrados, celulose, painéis, entre outros produtos derivados da madeira. O Valor Bruto da Produção (VPB) do setor florestal foi de 3,9 bilhões em 2014, segundo dados do Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab). O valor representa 6,5% do desempenho da produção agrícola do Estado.

A cadeia florestal envolve 700 empresas, que empregam diretamente 32 mil pessoas, de acordo com dados do IFP. A maior parte da área plantada concentra-se nas regiões de Ponta Grossa, com 393 mil hectares plantados, e de Curitiba, incluindo os municípios do Vale do Ribeira e da Região Sul, com 200 mil hectares plantados. Segundo o relatório da Indústria Brasileira de Árvores (IBA), o Paraná concentra a maior área destinada ao plantio de pinus, 660 mil hectares, e com cerca de 200 mil hectares de eucalipto.

# Agora com a iniciativa privada

Para revitalizar os CSAs será necessário ampliar a participação



Especialistas, pesquisadores e técnicos do setor agropecuário são unânimes em afirmar: não se vende produtos agropecuários e sim sanidade agropecuária. Com base nesse princípio em 2014 foi criado no Paraná o Grupo de Trabalho (GT) Gestor do Programa de Revitalização dos Conselhos de Sanidade Agropecuária (CSAs), que envolve o Sistema FAEP/SENAR-PR, Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-PR) e a Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab).

Em reunião no dia 16/3, o Grupo Gestor fez um balanço do trabalho desenvolvido em 2015 e traçou metas para 2016. Entre os destaques do ano passado a realização do primeiro módulo do projeto “Educação para Promover a Sanidade Agropecuária”, que envolveu os profissionais designados para a função de diretor técnico dos CSAs. Nesse ano será realizado o segundo módulo de capacitação para os facilitadores que atuam a campo.

Para definição da área de trabalho desses facilitadores o Estado foi dividido em quatro macrorregiões – Noroeste, Norte, Oeste/Sudoeste e Centro-Sul. Desde 2014 o Sistema FAEP/SENAR-PR mantém um consultor que atua em cada uma das macrorregiões para fomentar e

divulgar o trabalho dos CSAs. Para reforçar essa divulgação esse ano a Adapar indicou 44 técnicos entre agrônomos e médicos-veterinários para atuarem como facilitadores. A Emater da mesma forma está finalizando uma lista de servidores que também atuarão localmente no fortalecimento dos conselhos de sanidade.

## Hora de consolidar

O Grupo Gestor tem como meta também para esse ano intensificar a participação da iniciativa privada nos CSAs. “A sanidade é responsabilidade também do poder público, mas a fatia maior é da iniciativa privada, pois é ela quem realiza todos os procedimentos sanitários previstos na legislação nos sistemas de produção e processos de fabricação. Ter na direção de um Conselho de Sanidade um técnico de uma agroindústria é um grande avanço”, avalia o assessor da diretoria da FAEP, Antônio Poloni.

Nesse sentido o Sistema FAEP/SENAR-PR propôs que o trabalho dos facilitadores tivesse como foco a ampliação da participação da ini-

ciativa privada nos CSAs. Atualmente as agroindústrias não têm uma participação expressiva nos conselhos e as entidades que compõem o grupo gestor querem trabalhar para aumentar a participação da iniciativa privada nos conselhos.

“Quando é o setor privado que dissemina o conhecimento sobre a legislação sanitária os resultados são mais efetivos. É, principalmente, na indústria que os processos de sanidade agropecuária são colocados em prática. Todos os atores – produtores, entidades representativas, associações, prefeituras, indústrias - do processo de produção do setor agro precisam estar presentes nos CSAs, mas são as agroindústrias as principais beneficiárias”, completa Poloni.

Os representantes da Adapar, Emater e Seab apoiaram as propostas do Sistema FAEP, pois entendem que é a partir dessa prática que a produção paranaense terá mais acesso a mercados mais exigentes que remuneram melhor a produção agropecuária.

Outra meta definida pelo Grupo Gestor para esse ano é a consolidação de um CSA por Unidade Local de Sanidade Agropecuária o que representa ter 135 conselhos.

“O trabalho de revitalização dos conselhos é fundamental para que eles permaneçam ativos. Há necessidade de CSAs referência nas diferentes regiões do Estado para que sirvam de exemplo. As prefeituras, através das Secretarias da Agricultura e o consumidor precisam conhecer o importante papel dos CSAs para o desenvolvimento municipal.”, completa a médica-veterinária e técnica do Departamento Técnico e Econômico da FAEP, Ariana Weiss.

Desde o início do programa de revitalização dos CSAs no Paraná algumas ações foram desenvolvidas. Na região Noroeste, por exemplo, o combate à formiga cortadeira foi o grande foco. O problema já vinha sendo relatado antes do programa de revitalização dos CSAs e foi exposto em 195 CSAs existentes na ocasião ligados a 19 regionais de Seab.

Foram desenvolvidas ações educativas pelos CSAs para orientação dos produtores quanto às estratégias de combate e controle. Aproximadamente 430 atividades foram realizadas pelos conselhos. Além disso, o SENAR-PR, Emater e a Adapar produziram uma cartilha com orientações e a capacitação de técnicos através da Campanha Plante seu futuro.

**Cursos realizados nas regionais do SENAR-PR de Umuarama e Mandaguaçu que abrangem a região do Arenito Caiuá demandados pelos CSAs**

<b>Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos Formigas Cortadeiras</b>			
	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>
Regional Mandaguaçu	29	25	13
Regional Umuarama	22	24	11



Na região de Campo Mourão o CSA realizou duas grandes ações. O trabalho começou em novembro de 2015 e está sendo dirigido aos produtores rurais. Foi produzido um folder informativo que está sendo distribuído aos produtores nos seis pontos de venda da região sobre a importância da vacinação de Brucelose em bezerras de 3 a 8 meses.

“O trabalho está concentrado nos municípios de Campo Mourão, Farol, Luisiana e Araruna. Com a ajuda dos médicos-veterinários desses estabelecimentos mostramos ao produtor a importância de vacinar as bezerras e os prejuízos financeiro e sanitário, que ele pode ter caso não faça a vacinação”, explica o presidente do CSA, Luis Sebastião Bronzatti.

Outra campanha desenvolvida pelo CSA de Campo Mourão foi a realização de uma palestra no dia 20 de janeiro desse ano sobre o combate à Ferrugem Asiática que ataca a cultura da soja. Para o evento o CSA trouxe o engenheiro-agrônomo, pesquisador e doutor em Proteção de Plantas da Embrapa Soja, Rafael Moraes Soares.

Além dos riscos que a Ferrugem traz para a cultura também foi discutida a legislação vigente sobre o vazio sanitário e Portaria nº 193 da Adapar, que estabelece o período de semeadura e colheita da soja no Paraná. “A grande maioria dos produtores entende os riscos que a Ferrugem traz para a cultura da soja, mas sempre tem uma minoria que não concorda e é com esse percentual que temos que trabalhar e sensibilizar para reverter o conceito”, diz Bronzatti.

## Uso racional

Os países mais avançados do mundo têm aprofundado os conhecimentos do ciclo da água na produção agropecuária, visando o uso racional e o desenvolvimento das melhores técnicas de utilização. Com essa finalidade, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em parceria com a Embrapa e a Embaixada Britânica, apresentou na semana passada resultados parciais do estudo “Pegada Hídrica nas Cadeias de Produção de Carne e Leite”, tratando do uso da água e de sua escassez. A atividade agropecuária tem no uso da água um dos principais insumos para a produção de alimentos. Até data recente, não havia reflexão mais aprofundada sobre a água como um bem finito. Os novos estudos revelam que o uso racional dos recursos hídricos assumiu importância estratégica para a qualidade de vida de toda humanidade. Nesse contexto, as entidades ligadas à agropecuária vêm atuando para que os produtores brasileiros façam o uso

correto da água, sem desperdícios, com eficiência e produtividade. A CNA estima que o estudo esteja concluído, em sua totalidade, no início do ano de 2017.



## Projeto da Integração



A Câmara dos Deputados aprovou na manhã desta terça-feira (22/3), o requerimento de urgência para tramitação do Projeto de Lei nº 6459/2013, conhecido como PL das Parcerias ou da Integração, que estabelece condições, obrigações e responsabilidades nas relações contratuais de integração do sistema agroindustrial. Conforme o deputado federal Valdir Colatto (PMDB-SC), que deve ser o relator da matéria no plenário da Câmara dos Deputados, a expectativa é que o PL seja aprovado ainda no mês de abril. A aprovação do projeto garante segurança jurídica para os produtores integrados no que diz respeito às garantias nos contratos de integração, como por exemplo a implementação das Comissões de Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadec), a adoção de metodologia para cálculo de remuneração, o compartilhamento das responsabilidades ambientais, dentre outros.

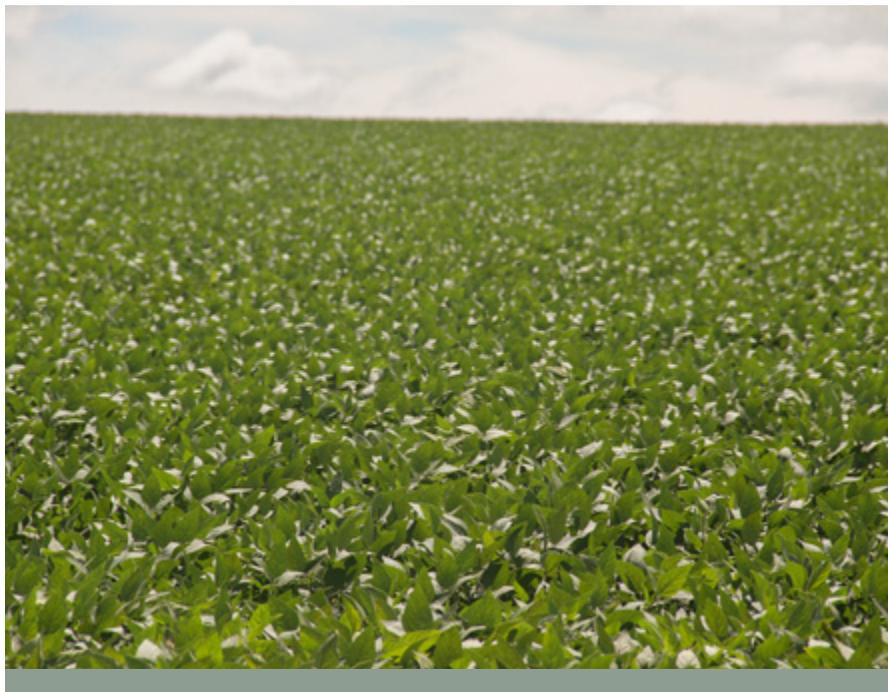
## Capacitação

Na reta final do prazo para entrega do Cadastro Ambiental Rural (CAR), que é 5 de maio, o Sistema FAEP/SENAR-PR reforça a equipe de funcionários dos sindicatos rurais capacitados. Nos dias 21 e 22 de março o grupo participou de um curso de 16 horas sobre o preenchimento do CAR, em Curitiba. Os instrutores foram Osmael Portela e Josiane Cardoso Antunes.



# Manejo melhor, menos aplicações

Levantamento do programa Plante Seu Futuro aponta redução no uso de inseticidas



Os resultados preliminares da Campanha Plante Seu Futuro na safra 2015/16 apontam que é possível reduzir ainda mais as aplicações de inseticidas para o controle de pragas nas lavouras de soja quando se adota as técnicas do Manejo Integrado de Pragas (MIP). Nas unidades demonstrativas monitoradas pela Emater, com apoio da Embrapa e parceiros, a aplicação de inseticida durante todo o ciclo de desenvolvimento da soja caiu de uma média de 2,1 vezes na safra anterior para 1,5 vezes na atual safra.

Nos resultados desta safra, que são ainda preliminares, o que chamou muito a atenção dos técnicos é que a entrada da primeira aplicação nas áreas monitoradas se deu em torno dos 62 dias da germinação da soja, independentemente de ser da variedade Bt ou não. Esta diferença de apenas 0,53 aplicação a menos nas propriedades que usaram soja Bt e os tempos da entrada da primeira aplicação de inseticidas muito próximos, mostra na prática a importância da ferramenta Bt de estar integrada a boas práticas do manejo integrado de pragas.

Ainda na média dos últimos quatro anos, produtores que monitoraram a lavoura para a tomada de decisão diminuíram

sempre em mais de 50% o uso de inseticidas independente da variedade de soja plantada.

Para Nelson Harger, coordenador técnico na área dos manejos integrados nas culturas da Campanha Plante Seu Futuro e coordenador estadual pela Emater, esses resultados foram obtidos com a tabulação até o momento de 112 unidades referências de campo e que, pela prática de outros anos, deverão sofrer poucas mudanças com as cerca de 190 unidades instaladas. Vale lembrar que este ano o clima, mais chuvoso, colaborou para que houvesse menor pressão de pragas, especialmente as lagartas desfolhadoras na fase vegetativa da cultura de soja.

Em compensação, houve a incidência maior de percevejos na fase reprodutiva das plantas, depois da floração, quando comparado com a safra anterior. Nesta

safra, na fase do enchimento das vagens de soja, o percevejo passou a ser a praga principal, com relatos de dificuldade de controle. “Mesmo assim o número de aplicações de inseticidas nas unidades monitoradas caiu e mais uma vez os agricultores assistidos comprovaram a importância do MIP como estratégia principal de avaliação”, afirmou Harger.

A Campanha Plante Seu Futuro, parceria da Secretaria da Agricultura com o Sistema FAEP/SENAR-PR e diversas instituições do Estado, foi deflagrada a partir da safra de verão 2012/13 e desde então vem colhendo resultados positivos, com redução acima de 50% na aplicação de inseticidas nas lavouras. Na média dos quatro anos, o número de aplicações nas propriedades assistidas caiu de 4,7 vezes para 2,3 vezes.

Segundo Harger, esse trabalho nas propriedades monitoradas tem o objetivo de revelar as referências positivas do Manejo Integrado de Pragas e a importância de ser utilizado nas demais lavouras. “Para que os resultados sejam mais abrangentes, precisamos de mais divulgação, para que mais produtores venham a se engajar”, diz.

## Campina da Lagoa



## Jardineiro

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou, nos dias 24, 25 e 26 de fevereiro, no município de Altamira do Paraná, o curso de Jardineiro - Implementação e Manutenção. As aulas aconteceram no salão da Igreja da Comunidade Dois Irmãos. Participaram 11 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Geremias Cilião de Araújo Júnior.

## Cianorte



## Carregadoras

Nos dias 1 a 5 de fevereiro, o Sindicato Rural de Cianorte, em parceria com a Destilaria Melhoramentos Norte do Paraná realizou o curso de Trabalhador na Operação e Manutenção de Carregadoras de Cana-de-Açúcar. Participaram 10 trabalhadores rurais com o instrutor Osmar Alves.

## Cianorte



## Apontamento

No dia 22 de janeiro o Sindicato Rural de Cianorte realizou, em parceria com a Destilaria Melhoramentos Norte do Paraná, o curso Trabalhador no Cultivo de Plantas Industriais cana- de-açúcar – apontamento. Participaram 15 trabalhadores com o instrutor Claudio José Zunta.

## São Mateus do Sul



## Erva-mate

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul realizou na comunidade de Tijuco Preto, em parceria com os produtores rurais Luiz Adyr e João Carlos, no dia 3 de março, o curso Trabalhador Cultivo de Plantas Industriais - Erva Mate adubação, tratos culturais. Participaram nove trabalhadores com o instrutor Luiz Carniel.

## Paraíso do Norte



### Tratorista

O Sindicato Rural de Paraíso do Norte realizou, em parceria com a Cooperativa Agrícola de Produtores (Coopcana), de 22 a 26 de fevereiro, o curso de Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas (tratorista agrícola) - polivalente - intermediário 40 horas. Participaram 15 trabalhadores com o instrutor Claudio Rodrigues.

## São João



### Panificação

O Sindicato Rural de São João, em parceria com o Clube de Mães do Ouro Verde, realizou nos dias 23 e 24 de fevereiro, o curso de Produção Artesanal de Alimentos – Panificação. Participaram 15 produtoras rurais com a instrutora Ednilza Godoy.

## Ubiratã



### Gestão de pessoas

O Sindicato Rural de Ubiratã realizou, nos dias 28 e 29 de janeiro, o curso Gestão de Pessoas - comunicação e técnicas de apresentação. Participaram 20 produtores e filhos de produtores rurais com instrutor Francisco José Bochi.

## Maringá



### Dia da Mulher

O Sindicato Rural de Maringá realizou, em parceria com a Cocamar Cooperativa Agroindustrial, Integrada Cooperativa Agroindustrial e Sociedade Rural de Maringá, no dia 10 de março, uma homenagem às produtoras rurais pelo Dia Internacional da Mulher com música, palestras e desfile. A festa aconteceu no restaurante do Parque Internacional de Exposições Francisco Feio Ribeiro com a participação de 540 mulheres.



JUAN PONCE DE LEÓN

## Lugar florido

O estado americano da Flórida passou a fazer parte do território dos Estados Unidos em 1822. Pressionados pelas guerras de independência pela América Latina, a Espanha desistiu de tentar manter guarnições militares na região, que foi cedida aos americanos em troca do reconhecimento das fronteiras com o atual México. O nome do lugar vem do tempo da descoberta: quando o explorador espanhol Juan Ponce de León chegou à região, em 1512, era início de primavera, perto da Páscoa – uma época que os espanhóis chamavam de Pascua florida.

## Tomates de casa

Originária do Equador, Peru e norte do Chile, o tomate é um dos alimentos mais fáceis de plantar. Por isso mesmo, é um dos preferidos pelo cidadão urbano que se aventura a fazer uma horta em casa. As vantagens para a saúde estão na quantidade de nutrientes, como potássio e fósforo, assim como antioxidantes e vitaminas A, C e E: essa é uma das hortaliças mais ricas nessas substâncias. O tomate beneficia o organismo, prevenindo doenças crônicas, como problemas do coração, diabetes e câncer.



## Ele fugiu!

A excursão do manicômio foi visitar o zoológico. Ao chegar perto da jaula do Leão, os visitantes viram uma placa: “Cuidado com o leão!”

Mais à frente, outra jaula, outra placa: “Cuidado com o tigre!”

Os pacientes, atentos a tudo, continuaram a caminhada. Mais à frente havia outro recinto e outra placa: “Cuidado com o urso!”

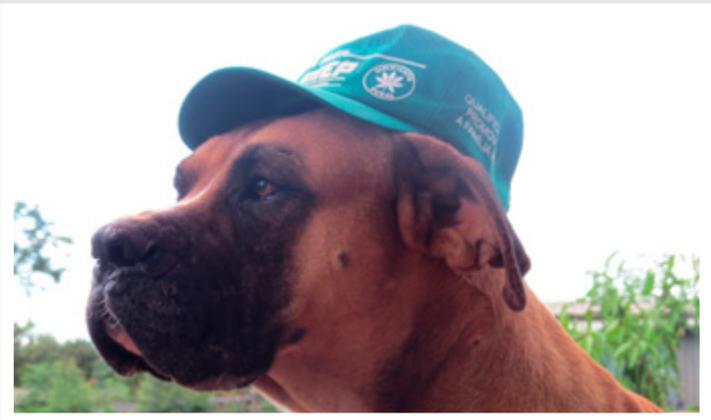
Andando mais alguns passos, chegaram a uma jaula vazia. Na grade também havia uma placa: “Cuidado: tinta fresca!”

Desesperados, os visitantes saíram correndo, aos gritos: — Socorro!!! O tinta fresca fugiu! O tinta fresca fugiu!!!!



## Estrelas

O hábito de usar as estrelas como referência para orientação vem pelo menos desde o ano 1.000 antes de Cristo. Os antigos definiam onde ficava o Norte a partir das estrelas principalmente a Estrela Polar, e traçavam os seus trajetos com base nisso. Quando os primeiros navegadores fenícios contornaram a África e chegaram ao Hemisfério Sul, relataram que viam no céu estrelas diferentes, e que muitas vezes nem conseguiam enxergar a Estrela Polar. Foram ridicularizados porque todos acharam que o céu era imutável e que essa história tinha de ser falsa – e essa era justamente a principal prova de que falavam a verdade.



## Bem-vindo ao time!

*Fred é mascote da fazenda Capão Grande, no município de Guaraniáçu. E veste a camisa do Sistema FAEP-SENAR/PR – ou o boné, pelo menos...*

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: [imprensa@faep.com.br](mailto:imprensa@faep.com.br)



## Um peixe de sangue quente

Em geral, a carne de peixes e de muitas aves é chamada de carne branca, certo? Isso ocorre porque eles têm pouca hemoglobina, que são aquelas células que deixam o sangue da gente bem vermelho. Já o atum é diferente. Ele usa sua própria musculatura para movimentar o sangue em suas veias e artérias. Com isso ele fica mais oxigenado e mantém sua temperatura alta. Como um atleta dos mares, ele consegue nadar a até 70 quilômetros por hora!

## Guerra à comida fria

O nome – megatron – lembra um vilão de desenho animado. Mas ele é a peça principal de um eletrodoméstico que muita gente tem em casa: o forno de micro-ondas. O megatron é responsável por emitir as ondas (um tipo de radiação parecida com a luz ou as ondas de rádio) que provocam o aquecimento. Originalmente, era um dispositivo usado em radares militares!



## Os fanáticos

Não é fácil definir quem tem a maior torcida do mundo entre os clubes de futebol. Uma pesquisa de opinião pode resolver isso localmente – e mostrar, por exemplo, se o Flamengo ou o Corinthians é o mais popular do Brasil. Mas como fazer com os moradores dos Estados Unidos que são fanáticos pelo Manchester United? Ou os indianos que não perdem uma partida do Barça na tevê? No ano passado, uma pesquisa feita pela consultora especializada Pluri mais ou menos confiável mostrou a fidelidade dos torcedores aos jogos de seus clubes em casa (ou seja, a média de público no estádio, por partida). Veja os resultados:



<b>Borussia Dortmund</b> 80.558 (100% de lotação)	<b>Manchester United</b> 75.530 (100% de lotação)	<b>Barcelona</b> 71.681 (72% de lotação)	<b>Bayern de Munique</b> 71.000 (100% de lotação)	<b>Real Madrid</b> 69.262 (81% de ocupação)
---	---	--	---	---



# POR QUE NÓS RIMOS?

Não há uma só piada que agrade a todos. O humor é idiossincrático, porque depende daquilo que nos torna únicos: como lidamos com a discrepância que prevalece em nosso cérebro complexo. A melhor prova disso foi um experimento realizado pelo psicólogo Richard Wiseman, da Universidade de Hertfordshire (Reino Unido). Em 2001, ele lançou um site com a ajuda da Associação Britânica para o Progresso da Ciência, com o objetivo de encontrar a piada mais engraçada do mundo. Recebeu 40.000 piadas e um milhão e meio de votos. A vencedora foi:

Dois caçadores de Nova Jersey estão andando pela floresta quando um deles cai no chão. Dá a impressão de que não respira e tem os olhos vidrados. Um deles pega o telefone e liga para o serviço de emergência. Diz, ofegante:

— Acho que meu amigo está morto! O que devo fazer?

O operador responde:

— Acalme-se. Vou ajudá-lo. Primeiro, certifique-se de que ele está morto.

Há um silêncio e, em seguida, ouve-se um disparo. De volta ao telefone, o caçador diz:

— Ok, e agora?

A piada mais engraçada do mundo não tem muita graça, concordam os pesquisadores Richard Wiseman e Weems, neurocientistas especializados no estudo do humor. E isso tem uma explicação científica. “Como nem todo mundo gosta que as piadas sejam provocadoras, as mais populares costumam agrupar-se perto, embora ainda abaixo, do limiar da provocação mais habitual. Se uma piada passar muito desse limite, algumas pessoas se acabarão de rir, mas outras não rirão nada. Se ficar muito aquém, todos permanecerão frios”, explica Weems.

O experimento de Wiseman serve para tirar algumas conclusões sobre as piadas. As mais divertidas tinham em média 103 letras. O animal mais engraçado é o pato. A hora mais hilária do dia são 18h03. E o dia mais espirituoso do mês é o 15. Quanto às nacionalidades, os norte-americanos mostraram “uma clara afinidade por

piadas que incluíam insultos e ameaças”.

“Cada um possui seu próprio limiar do que considera ofensivo e reage de maneira muito diferente quando se cruza esse limiar”, afirma Weems. Ele recorda a teoria do médico Sigmund Freud de que o humor é nossa maneira de resolver o conflito interior e a ansiedade. “Embora hoje em dia poucos cientistas levem Freud a sério, quase todos reconhecem que há pelo menos algo de verdade em sua teoria. As piadas que não conseguem nos incomodar nem um pouco não triunfam. É o conflito de querer rir, e ao mesmo tempo não ter certeza se deveríamos, que torna as piadas satisfatórias”, assinala Weems.

*(Adaptado do site do jornal El País)*

#### Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná  
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar  
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

#### EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se                                 | <input type="checkbox"/> Falecido      |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido                             | <input type="checkbox"/> Ausente       |
| <input type="checkbox"/> Recusado                                 | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente                    |  |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado                 |  |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico |  |

#### REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  
Em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Responsável

SISTEMA FAEP



#### SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br  
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo  
está disponível no site:

[sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)